

# Reportagem Especial

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS

## Desenhos revelam criminosos

Usando lápis de cor e papel, crianças que são vítimas de violência têm ajudado a polícia a desvendar homicídios, estupros e maus-tratos

Jéssica Cardoso

Utilizando uma folha em branco e lápis de cor, crianças têm revelado estupradores e ajudado a polícia na Grande Vitória a esclarecer crimes como homicídios, tentativas de assassinato e maus-tratos, através de um retrato da violência.

Os cenários são aqueles em que elas foram vítimas ou assistiram a crimes brutais. Com o auxílio de psicólogos e assistentes sociais, em depoimentos sigilosos, elas têm levado criminosos à prisão.

No início, a proposta do desenho pode ser “quebrar o gelo”, o que, na visão dos especialistas, significa deixá-la mais à vontade durante o primeiro contato. Mas quando menos se espera, as informações surgem. O delegado titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), Lorenzo Pazolini, diz que o método tem sido utilizado na metade dos inquéritos da unidade, que investiga casos que vão de maus-tratos a estupros.

Ele tem por objetivo extrair da criança informações que levem à autoria dos crimes. “É uma forma lúdica de interagir com elas para que, através do desenho, consigam expressar um pouco daquilo que tenham passado. Um relato de abuso ou violação dos direitos de forma genérica. É preciso analisar caso a caso, mas utilizamos a técnica em 50% dos inquéritos”, ressaltou o delegado.

Pazolini lembrou que não são todas as crianças que possuem aptidão, por isso são encaminhadas ao setor psicossocial da delegacia, onde os profissionais constroem um relatório, em conjunto com o delegado, visando evitar a revitimização daquela criança ou adolescente, que também recebe atendimento especializado pela rede proteção que os municípios oferecem.

“Temos um meio de prova robusto. Com atendimento bem feito, o especialista consegue extrair quase com fidedignidade tudo o que aconteceu. Nisso você evita que ela possa ser instruída por alguém, além de dar mais segurança nos casos, evitando a prisão de inocentes”.

O delegado adjunto da Delegacia de Crimes Contra a Vida de Caracica, Marcelo Alencar da Cunha Cavalcanti, lembrou que é de extrema importância que os menores sejam preservados. “Funciona nos inquéritos de assassinato também. Porém, inicialmente analisamos se é necessário. Se indispensável, procuramos atuar em parceria com os policiais qualificados. Dá certo e leva a autoria de muitos crimes.”



ANTONIO COSME/AT

**CRIANÇA** desenha em espaço na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, em Vitória: método tem por objetivo extrair da criança informações que levem à autoria dos crimes, de forma lúdica

### Especialistas identificam o que é realidade e fantasia

Sangue, monstros, órgãos genitais ou contos de fadas. Segundo especialistas, não há um formato padrão dos desenhos feitos por crianças que presenciaram ou foram vítimas de algum crime. Mesmo assim, os profissionais conseguem distinguir o que é fantasia e o que é prova policial.

“São várias formas e cada criança se expressa de uma maneira. Na maior parte das vezes, elas desenhavam o agressor com linha preta, monstros, com unhas mais fortes, dentes ou com órgãos genitais expostos”, lembrou a psicóloga Débora Coelho Monteiro.

Ela explicou que o desenho, assim como outras brincadeiras utilizadas nos atendimentos, são também conhecidos como arteterapia. Essa ferramenta é mais comum nos casos de violência sexual.

“Cada forma e cor escolhida trazem coisas do consciente e inconsciente das crianças. E na imagem que constroem, apresentam sem

que percebam suas vontades e sentimentos. Essa técnica nos permite entrar no mundo delas, que não costumam contar por vergonha ou medo de não serem entendidas”, explicou a profissional.

Por ser uma análise complexa, essas crianças são acompanhadas por policiais qualificados para prestarem depoimento, tendo a identidade preservada.

Para a equipe psicossocial da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), comandada pelo delegado Lorenzo Pazolini, o trabalho é desafiador.

“Utilizamos o desenho como ‘quebra gelo’, porque a criança tem dificuldade em chegar num ambiente desconhecido e interagir. A responsabilidade é muito grande, principalmente quando se trata de violência sexual”, destacou a psicóloga Marcella Demoner Coutinho Rohr, que atua junto com a assistente social Mariana Dezen Garcia, ambas policiais.



ANTONIO COSME/AT

**O DELEGADO** Lorenzo Pazolini é titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA)

### DESENHOS QUE AJUDARAM A SOLUCIONAR CRIMES



#### Mãe esfaqueada

Depois de ver a mãe ser esfaqueada, um menino de seis anos representou em um papel como o crime aconteceu. Segundo relatado à Justiça, o agressor pretendia espancar o filho, quando a mãe tentou intervir na situação.

Porém, assim que entrou na frente do marido, a mãe acabou esfaqueada no abdômen. O caso, que ocorreu na Grande Vitória, foi parar na polícia, o acusado teve a prisão decretada pelo Poder Judiciário e o desenho foi adicionado ao processo criminal.

#### Vítima do pai

Durante investigação de um crime de abuso sexual, a vítima, uma criança de seis anos, desenhou o irmão como um fantasma. Ela disse que não conseguia vê-lo à noite.

A polícia desconfiou dos traços infantilizados para a idade dela, bem como dos elementos.

Investigou e foi constatado que o pai a violentava durante à noite. Ele foi preso.



#### Pai e madrasta culpados

Após a polícia receber denúncias de que um garoto estaria sendo vítima de violência sexual, ele foi ouvido pela equipe de psicossocial da polícia e lhe foi pedido que fizesse um desenho de sua casa.

Para surpresa dos profissionais e do delegado do caso, o menino desenhava a casa dos avós. Para ele, essa era a referência de sua família.

Com base nas informações, a polícia apurou que ele era vítima de abuso sexual por parte do pai e da madrasta.





## Reportagem Especial

## VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS

## Escolas flagram e denunciam casos

Não é apenas nos consultórios de psicologia ou durante depoimentos à polícia que as crianças tendem a revelar a violência que sofreram ou presenciaram. Escolas da rede pública também flagram imagens, e é de lá que saem a maior parte das denúncias.

“Geralmente, essa é a realidade da educação primária, até o 5º ano, quando o mesmo professor passa mais tempo na sala de aula. Eles acompanham e percebem traços

de agressividade e até apologia aos crimes”, destacou Ildebrando José Paranhos, diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado (Sindiupes).

O desenho livre é atividade onde os professores mais flagram casos e encaminham aos conselhos. Segundo ele, alguns alunos têm programas de televisão como influenciadores, mas, na maior parte dos casos, os desenhos são representações da própria situação em que foram expostos.

“Eles acompanham e percebem traços com sinais de agressividade e até apologia aos crimes”

Ildebrando Paranhos, do Sindiupes

Uma pedagoga de 34 anos, que atua em uma escola da rede estadual, em Vitória, e preferiu não se identificar, revelou que essa é uma realidade muito comum.

“Infelizmente, as crianças não lidam com a violência como os adultos. Quando detectada uma situação estranha, a primeira medi-

da é acionar os responsáveis para um diálogo”, contou.

Segundo a conselheira Rosenita Pereira, que atua no Conselho Tutelar do Parque Moscoso, no centro de Vitória,

os professores conseguem identificar anomalias no comportamento de algumas crianças, porém, alguns preferem não levar o caso adiante por medo de represália.

“Geralmente, eles têm medo de denunciar porque, de alguma forma, temem que os pais possam ser ligados a grupos criminosos e fazer ameaças”, explicou.

Sobre a denúncia, o diretor do Sindiupes esclareceu: “A orientação é que o professor procure ajuda externa, através do diretor da esco-



A JUÍZA Hermínia Azoury diz que cerca de 90% dos menores infratores interrogados nos processos presenciaram cenas de violência dentro de casa

la ou de pedagogos. É preciso informar os setores competentes. Tomar a frente da situação pode ser arriscado”, completou Ildebrando.

À frente da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (Comvides), do Tribunal de Justiça do Estado, a juíza Hermínia Azoury demonstrou preocupação com a situação dessas crianças.

Segundo ela, há grande possibilidade de elas desenvolverem comportamentos agressivos e vio-

lentos no futuro.

“Crianças são muito vulneráveis, crescem no ambiente de violência e tendem a reproduzir o que presenciaram, o que é preocupante”,

“Crianças que crescem em ambiente de violência tendem a reproduzir o que presenciaram”

Hermínia Azoury, juíza

destacou a juíza.

Hermínia destacou que já atuou na Vara da Infância e Juventude e relatou que cerca de 90% dos menores infratores interrogados nos processos presenciaram cenas de violência dentro de casa.

“Esse assunto tem total relação com a violência doméstica. Noventa por cento dos menores infratores ouvidos nos processos presenciaram a mãe apanhar do companheiro. Por isso é preciso políticas públicas para proteger essas crianças”, destacou a juíza.

## Pedido de socorro feito por carta

Presas a uma situação de violência ou maus-tratos, crianças encontraram mais uma forma pedir ajuda. Agora elas pedem socorro por cartas.

Segundo o conselheiro Silvio João de Lirio, que atua em Vila Velha, o novo canal surgiu após uma série de palestras e visitas realizadas em alguns bairros da cidade.

“Nossa equipe busca estar presente na escola para informar as crianças dos seus direitos e, em uma dessas palestras, elas se identificaram com essa forma de denúncia e entregaram à equipe cartas com pedido de socorro”.

De acordo com Lirio, tanto as

crianças quanto os adolescentes se viram nas situações de violência relatadas pelo conselho, e encontraram uma maneira de “colocar para fora” o que estavam passando.

Entre as mensagens que mais chamaram a atenção dele foi o lamento de uma garota, que se dizia infeliz.

“A mensagem que talvez tenha me marcado mais foi a de uma menina que implorou para que fosse ouvida. Ela dizia que não aguentava mais viver na casa dos pais. Ela pedia por uma família. Pedia para ser feliz”, relatou o conselheiro.

Segundo o servidor, o caso ocorreu recentemente e ainda está sen-

do apurado.

## DENÚNCIA

A conselheira Rosenita Pereira, que atua no Conselho Tutelar do Parque Moscoso, no centro de Vitória, explicou que, quando preciso, as crianças são afastadas de casa durante as apurações.

“Se for identificado que ela está sendo influenciada, a equipe retira a criança do ambiente onde possa ter ocorrido a violação dos seus direitos. Em seguida, é nomeado um guarda para ela. Caso não tenha outro familiar, ela vai para um abrigo, onde estará segura. O nosso objetivo é protegê-la”.

JÉSSICA CARDOSO



ROSENITA PEREIRA: segurança

## SAIBA MAIS

## Situações

- > A MAIOR PARTE dos desenhos traz atos de violência praticados dentro de casa.
- > IMAGENS PODEM ser reveladas no ambiente escolar ou em casa, de maneira espontânea, ou a pedido da polícia, durante investigações.
- > OS CRIMES de violência sexual são os mais denunciados.

## Denúncia

- > DISQUE 100: atendimento telefônico gratuito, 24 horas por dia.
- > CONSELHOS tutelares.
- > CREAS OU CRAS dos municípios.
- > DELEGACIA DE PROTEÇÃO à Criança e ao Adolescente (DPCA), em Jucutuquara, Vitória: (27) 3132-1917.

## Especialistas apontam cuidados

Pode parecer fácil discernir o que seria um desenho com sinais de violência ou não, mas especialistas alertam que essa não é uma técnica a ser analisada por qualquer pessoa.

“Como policial e assistente social, vejo esse trabalho como desafiador. Tudo deve ser analisado. Casos de violência sexual são crimes complexos que envolvem desinteresse de pais, mentiras, enfim, várias situações que devem ser analisadas”, disse Mariana Dezen Garcia, que atua na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), no bairro Jucutuquara, em Vitória.

Ela lembrou ainda que há a possibilidade da criança ter reprodu-

zido algo que viu na televisão ou apontar para outras pessoas, que não são os alvos da polícia.

“Já houve casos em que o desenho sinalizava para um acusado de estupro, quando na verdade o suspeito era outro. Por isso, o profissional para analisar caso a caso”, completou a assistente social.

No sentido de proteger a vítima,

“Casos de violência sexual são crimes complexos que envolvem desinteresse de pais e mentiras”

Mariana Dezen Garcia, assistente social

o Poder Judiciário capixaba instaurou o programa Depoimento Especial. Dessa forma, as crianças prestam informações enquanto pintam, brincam e desenhavam.

“A sala, toda adaptada para elas, contém câmeras e as imagens são transmitidas diretamente para a sala de audiência. Uma iniciativa para preservar as crianças”, informou a juíza Gladys Henriques Pinheiro, da 1ª Vara da Infância e Juventude da Serra.

Segundo a polícia, as crianças vítimas de violência são assistidas pelas equipes do Cras ou Creas dos municípios, que formam uma rede de proteção. Denúncias podem ser repassadas por meio dos Conselhos Tutelares regionais.

## ANÁLISE

## “Criança tem que expressar felicidade, e não violência”

“O adulto consegue sentar e falar por que consegue verbalizar, a criança não tem condições. Ela pensa: “Quem tem que saber sobre mim é meu pai ou minha mãe, o que eles dizem é o que é verdade”.

Por isso, só se expõem através de formas lúdicas. Ela vai falar da vida dela por meio da brincadeira, do teatro, do desenho. Nessas atividades, ela pode se revelar. Coisas que remetem a algo ruim, como muito sangue, é um sinal de alerta. Criança é feliz. Ela tem que expressar felicidade, e não violência.

Ela não tem todo nível de malda-

de, a não ser que esteja sendo pressionada. Quando passa por maus-tratos, por exemplo, ela se sente culpada, guarda isso no mundo infantil e só vai representar. E não será com qualquer pessoa que isso vai ocorrer, mas com pessoas que se especializaram para isso e sabem como criar uma relação de confiança com elas.

Após o diagnóstico, é de extrema importância que essa criança passe por acompanhamento. Nessas situações, o que a criança precisa é de pais ou outros responsáveis que sejam saudáveis, bem resolvidos”.

Claudia Calil  
psicóloga e  
terapeuta  
familiar

